

EUA demitem e Japão não cresce

Da Redação

Com agências Folha, AFP e Reuters

Os números confirmam que a economia mundial não anda nada bem. Dados divulgados ontem nos Estados Unidos e no Japão mostram o agravamento da crise nas duas potências econômicas do planeta. O relatório do Departamento de Trabalho dos Estados Unidos revela que o desemprego no país em agosto atingiu o maior patamar em quatro anos, subindo de 4,5% para 4,9%. A alta representa um

corte de 113 mil postos de trabalho. O índice superou a expectativa, 4,6%, do mercado. O setor industrial foi o que mais demitiu. Cortou 141 mil vagas, o maior corte desde julho de 1998, quando 173 mil pessoas foram demitidas.

A taxa de desemprego de agosto se iguala à registrada em setembro de 1997. Mas o percentual de trabalhadores sem emprego é bem menor do que o recorde de 7,8%, registrado em junho de 1992, quando o país saía de seu último ciclo recessi-

vo. O aumento do desemprego nos Estados Unidos somado à notícia de queda de 0,8% no Produto Interno Bruto (PIB) do Japão no segundo trimestre do ano não foi bem recebida pelas bolsas de valores. Os principais pregões do mundo fecharam em queda. Nova York encerrou o dia com perdas de 2,39%. A bolsa eletrônica Nasdaq perdeu 1,05%. Em Frankfurt, a queda foi de 2,97, Londres recuou 2,57% e Paris, 1,5%. A Bolsa de Tóquio perdeu 1,3%.

A situação japonesa reforça

o medo dos analistas de mais uma recessão no país. Na previsão dos economistas haveria queda de 0,9% de um trimestre para outro e de 3,5% na comparação anual. "Os operadores, principalmente os investidores estrangeiros reagiram de forma negativa porque esse resultado aumenta as inquietações sobre uma recessão", afirmou Kazunori Jinnai, analista de mercado da Daiwa Securities SMBC. Muitos analistas prevêem outra baixa para o terceiro trimestre.

"Com exceção do consumo, todos os índices de demanda caíram. Esse quadro leva a crer que a economia está entrando em recessão", avalia Peter Morgan, economista-chefe do HSBC Tóquio. O consumo privado avançou 0,5%, mas os investimentos em imóveis registraram forte queda, 8,8%, a maior desde o segundo trimestre de 1997. Os investimentos das empresas caíram 2,8% de janeiro a março. O gasto no setor público baixou 4,1%. Os analistas acham pouco provável que o país consiga atingir a meta de crescimento de 1,7% estabelecida para esse ano.

AS BOLSAS FECHAM EM QUEDA

OS SINAIS DA CRISE

Desemprego nos EUA:
4,9% em agosto

Produto Interno Bruto do Japão:
queda de 0,8% no 2º trimestre

